

VITAE EURIPIDIS

Wilson Alves Ribeiro Jr.

RESUMO

As vidas (*Vitae*) de Eurípides, transmitidas pela Antigüidade na forma de pseudobiografias, compõem heterogênea massa de dados anedóticos, relatos extravagantes, mexericos, especulações gratuitas e informações deduzidas de suas próprias tragédias e das comédias aristofânicas. Poucas são as informações verossímeis e fidedignas, amparadas por fontes independentes. Um dos dados biográficos mais aceitos, sem crítica ou comprovação, é a do ‘exílio’ de Eurípides na Macedônia, no final de sua vida, onde teria criado e talvez encenado, pela primeira vez, duas importantes tragédias, *Bacantes* e *Ifigênia em Áulis*. No presente artigo, o Autor discute as evidências disponíveis sobre essa ‘questão macedônica’, assim como o local e a data de composição dessas tragédias.

Palavras-chave. Eurípides; vida; biografia; pseudobiografia; tragédia grega; *Bacantes*; *Ifigênia em Áulis*.

As informações disponíveis sobre a vida de poetas, filósofos e outros eruditos gregos foram reunidas, a partir do século IV a.C., em pequenas notícias biográficas — *Vitae*, “Vidas” —, e registradas em pergaminhos e papiros. Exageros, acréscimos desprovidos de crítica e um pronunciado gosto pelo anedótico, pelo grotesco e pelo fantástico criaram, após séculos e séculos de repetições e cópias descuidadas, uma tradição pseudo-biográfica que, apesar da heterogeneidade de informações e da falta de comprovação dos dados a partir de fontes independentes e fidedignas, assumiu ares de verdade incontestes com alarmante frequência. Nas últimas décadas do século XX, porém, a partir dos trabalhos de Lefkovitz (1981) e de Momigliano (1993), entre outros, a análise criteriosa e sistemática de grande parte das “biografias” antigas permitiu a separação de dados verossímeis ou comprováveis do conjunto de ficções, fantasias, mexericos, anedotas e inferências indevidas que compõem, em grande parte, as biografias gregas legadas pelos períodos Clássico e Helenístico.

Eurípides foi um dos mais controvertidos poetas trágicos de seu tempo e, por isso mesmo, tornou-se um dos alvos favoritos dos poetas cômicos,

notadamente de Aristófanes. Cratino, contemporâneo de ambos, cunhou até mesmo um neologismo para documentar esse ‘hábito’ aristofânico: εὐριπιδαριστοφάνιζω, “falar como Aristófanes parodiando Eurípides” (Cratin. *Fr.* 307 Koch = IFF 155 De Gruyter). Isso esclarece, de certa forma, a provável origem da enorme mescla de anedotas e invenções grotescas¹ presentes nas biografias de Eurípides.

As mais antigas e importantes informações sobre a vida do poeta procedem de duas únicas fontes: a anônima Γένος Εὐριπίδου καὶ βίος, “Genealogia e Vida de Eurípides” (= *Vita*), do século II a.C., e a Βίος Εὐριπίδου — “Vida de Eurípides” — de Sátiro, em forma de diálogo (= *Vita Euripidis*, ou *Satyr. Vit. Eur.*), datada do século III a.C. Outras fontes, como as ‘pseudo-cartas’ de Eurípides (século I-II) e textos de Aulo Gélío (século II), da *Suda* (século X), de Thomas Magister e de Manuel Moschopoulos (século XIV), repetem praticamente as mesmas informações transmitidas pela anônima *Vita* e por Sátiro. O texto integral da *Vita* chegou até nós², mas da *Vita Euripidis* de Sátiro restam apenas alguns fragmentos³, e a tradição indireta tem extensão e importância pequena e desigual⁴.

A *Vita* é nossa mais importante fonte de informação. O texto, bastante composto, pode ser dividido em três seções, de origem visivelmente diferente⁵, que podemos chamar de *biografia*, *anedotário* e *resumo*⁶. A última seção, uma repetição resumida das informações das duas primeiras, parece mais uma breve apreciação literária: ela e os fragmentos de Sátiro nada acrescentam de importante aos dados das duas primeiras seções da *Vita*. Para Delcourt e Jouan, Sátiro e o autor da *Vita* recorreram, separadamente, às mesmas fontes⁷, pois, além das semelhanças quase literais entre os dois textos, há diferenças consideráveis⁸. Filocoro de Atenas, aparentemente o primeiro a reunir informações sobre a vida de Eurípides, pode ter sido a fonte original das informações do autor da *Vita* anônima e da *Vita Euripidis*, de Sátiro, mas os escassos fragmentos que nos restam de sua obra (*FGrH* 328 F 217-21; *Vita* 18) não permitem opiniões conclusivas. Dos dados eventualmente coletados por outros eruditos mencionados na *Vita*, Eratóstenes e Hermipo, nada sabemos⁹.

As informações são variadas: data de nascimento e morte, origem humilde, profecia, mestres, tragédias escritas, impopularidade, exílio (Magnésia e Macedônia), premiações, mexericos sobre a vida conjugal, anedotas diversas, morte na Macedônia, produção literária e premiação nos concursos trágicos. Lefkowitz e Kovacs¹⁰, autores de detalhados estudos,

consideram pouquíssimos dados dignos de confiança¹¹, dada a espantosa quantidade de informações retiradas, quase ao pé da letra, das próprias tragédias de Eurípidés e de comédias de Aristófanes, como *Acarnenses* e *Tesmoforiantes*. Scullion, que analisou a cronologia e a estada de Eurípidés na Macedônia, em particular, é ainda mais reticente do que Lefkowitz e Kovacs, como se verá adiante. Kovacs¹² distribuiu as ‘pseudo-evidências’ em quatro categorias: dados retirados das comédias de Aristófanes e de outros poetas da Comédia Antiga, dados retirados das tragédias de Eurípidés, dados de ordem mitológica e dados pura e simplesmente inventados. Algumas informações certamente procedem de registros públicos confiáveis, como a notícia da participação de Eurípidés nos festivais dramáticos e religiosos, as premiações e os títulos de algumas tragédias. Mas quase todas as demais devem ser descartadas.

Para Lefkowitz¹³, são verídicos apenas o relato de que Eurípidés foi “portador da tocha” nos rituais dedicados a Apolo, no Cabo Zoster (*Vita*, 7)¹⁴, fato que sem dúvida assinala a importância social de sua família, e a informação de que foi agraciado com a *proxenia* e a isenção de impostos, quando emigrou para a Magnésia (*Vita*, 10)¹⁵. Kovacs aceita a referência a Eurípidés πυρφόρος no Cabo Zoster, a produção poética, a estada e morte na Macedônia, a primeira participação no concurso dramático de 455 a.C. com *As Peliades* e as cinco vitórias obtidas¹⁶. Scullion considera a data da morte (407-406 a.C.) uma aproximação razoável, mas, como Lefkowitz, contesta a versão do exílio e morte na Macedônia¹⁷. Quanto às informações da tradição indireta, Kovacs considera confiáveis as seguintes¹⁸: Eurípidés nasceu antes de 480 a.C., possivelmente em 487-486 a.C. ou 485-484 a.C., datas fornecidas pelo *Marmor Parium* (*FGrH* 239 A50 e A60.)¹⁹; pertencia ao demo dos Flieus, da tribo Ceocrópida (*Harp.* s.u. Φλυέα)²⁰; compôs um epitáfio em honra dos atenienses mortos na Sicília (*Plu. Nic.* 17.4.), obteve a primeira vitória em 442-441 a.C. (*Marmor Parium* 25 = *FGrH* 239 A 60) e foi acusado em um processo de ἀντίδοσις (*Arist. Rh.* 1416a)²¹. Scullion também concorda com a veracidade do demo de origem²².

Considero os rituais do Cabo Zoster e o processo judicial indícios inegáveis da riqueza de Eurípidés. Creio que a riqueza condiz certamente com os poetas trágicos dos séculos VI e V a.C., uma vez que não há evidências de que a participação em concursos, por si só, possibilitasse seu sustento. Se em cada competição o arconte selecionava apenas três poetas

trágicos, do que viveriam eles, então, quando não eram selecionados para os concursos dramáticos? Não há evidências de que os autores acompanhassem os atores durante as rerepresentações trágicas em outras *póleis* (TrGF I = DID A I 201), e o próprio Eurípides, em meio século de atividade literária, ao longo de cerca de cinquenta Dionísias Urbanas e cinquenta Lenéias, só participou de 22 concursos trágicos (*Suid.* ε.3695.38 Kovacs)²³. A única conclusão razoável é que tanto Eurípides como outros poetas dramáticos eram ‘pessoas de posses’ e que sua produção literária não tinha relação direta com o seu meio de vida.

Na minha opinião, as notícias de ‘mudança’ para a Magnésia e depois para a Macedônia não são confiáveis, uma vez que Eurípides pode ter simplesmente efetuado uma longa viagem de negócios ou uma visita a familiares. Esse item pode ser até mesmo uma invenção de biógrafos antigos, para justificar a concessão da proxenia. Por outro lado, aceito a veracidade do nome dos pais, Mnesárquides e Cleito, e do nome dos filhos, Mnesárquides, Mnesíloco e Eurípides (*Vita* 1 e 14; *Satyr. Fr.* 1), pois se há argumentos de peso contra as anedotas a eles associadas, não os há contra o fato de Eurípides ter familiares.

Os últimos anos da vida de Eurípides e, mais especificamente, a época de sua pretensa estada na Macedônia, formam o núcleo de uma das questões mais discutidas nas últimas décadas: a época e local de composição de suas últimas tragédias, encenadas pela primeira vez alguns meses depois da morte do poeta, em 405 a.C.²⁴ Eurípides *Minor*, filho (*Sch. Ar.Ra.* 67) ou sobrinho (*Suid.* ε.3695 Kovacs) de Eurípides, apresentou uma trilogia nas Dionísias Urbanas, constituída por Βάκχαι (*Bacchae*, “Bacantes”) e Ἰφιγένεια ἢ ἐν Αὐλίδι (*Iphigenia Aulidensis*, “Ífigênia em Áulis”), que chegaram até nós, e por Ἀλκμαίων (“Alcméon”), que sobreviveu em estado altamente fragmentário²⁵; os juízes do concurso trágico concederam a Eurípides o primeiro prêmio.

Há muita controvérsia na cronologia de todos os dramas eurípidianos, tanto dos completos como dos incompletos²⁶, mas o local da composição de obras anteriores a *Bacantes* e *Ífigênia em Áulis* (IA) não têm despertado o interesse dos estudiosos. É muito difundida, por outro lado, a crença de que *Bacantes* foi escrita durante a estada do poeta na Macedônia, mais exatamente entre o verão de 408 a.C., pouco depois da representação do *Orestes*, e o inverno de 407-406 a.C., época de sua morte²⁷. Acredita-se, por exemplo, que os vv. 409-11 e 568-75 de *Bacantes* apon-

tam, de modo inequívoco, para a ‘criação macedônica’ da tragédia²⁸. Grégoire, Dodds e Goossens destacaram, ademais, que a paisagem macedônica e o contato direto com os místicos e exuberantes cultos dionisíacos da região teriam influenciado Eurípides²⁹, e Kitto afirmou que a Macedônia ajuda a explicar ‘o regresso súbito de Eurípides à tragédia’³⁰. *Bacantes*, IA e talvez o *Alcmeon* teriam tido até mesmo uma primeira representação na Macedônia³¹. Para Boeck³², a apresentação da trilogia em Atenas foi, na realidade, uma reprise; para Conacher³³, IA, *Bacantes* e *Alcmeon em Corinto* foram produzidas postumamente na corte de Arquelaus da Macedônia, e não em Atenas.

QUADRO 1 - AS TRAGÉDIAS COMPLETAS DE EURÍPIDES (*)					
Fase antiga		Fase intermediária		Fase tardia	
438	<i>Alceste</i>	c. 430	<i>Heráclidas</i>	c. 420	<i>Electra</i>
431	<i>Medéia</i>	c. 425	<i>Andrômaca</i>	c. 416	<i>Hércules</i>
428	<i>Hipólito</i>	c. 424	<i>Hécuba</i>	c. 414	<i>Ifigênia em Táuris</i>
		c. 423	<i>Suplicantes</i>	c. 413	<i>Íon</i>
		415	<i>Troianas</i>	412	<i>Helena</i>
				c. 410	<i>Fenícias</i>
				408	<i>Orestes</i>
			405	<i>Bacantes</i>	
			405	<i>Ifigênia em Áulis</i>	

(*) Todas as datas assinaladas são a.C.
Fontes: Lourenço (1994) e Kovacs (1994b).

Acredita-se que, antes da primeira representação em Atenas, a IA estava ainda inacabada³⁴ e é natural, portanto, que tenha sido quase universalmente considerada a ‘última tragédia de Eurípides’. O poeta teria começado a escrevê-la na Macedônia em 406 a.C., no máximo, pouco antes de sua morte. Mas há vozes dissonantes. Kitto afirmou, sem precisar uma data, que IA foi criada em Atenas³⁵; Galiano, com base na evolução da figura de Menelau na produção euripídiana, associou a criação da IA ao ano de 409 a.C.³⁶, anterior ao da pretensa viagem à Macedônia, assim como o astrônomo Rome³⁷; Webster, com base na distribuição dos dramas de Eurípides pelos vinte e dois concursos já mencionados, preferiu o ano de 408 a.C.³⁸, assim como Delebecque, que reconheceu na tragédia

vestígios de acontecimentos políticos atenienses da primeira metade desse mesmo ano³⁹. Para Goossens, que adotou a data de 407 a.C., a IA alude a diversos eventos desse ano em Atenas⁴⁰. Pais de Almeida, ‘perante o quadro geral das opiniões dos eruditos’, defende a criação da peça em Atenas, entre 409 e 408 a.C.⁴¹

Note-se que todos os estudiosos que até agora procuraram determinar data e local de criação de *Bacantes* e da IA, tanto os adeptos da criação na Macedônia como os adeptos da criação em Atenas, apoiaram-se em argumentos pouco sólidos, mais exatamente na aceitação pura e simples dos dados biográficos tradicionais da ida de Eurípidés à Macedônia (*Vita* 11, 18, 21, 35; *Satyr. Fr.* 39.18-21)⁴², ou em informações retiradas das próprias tragédias. Conforme discussão *supra*, é prudente situar a maior parte das informações das *Vitae* de poetas antigos ao lado da literatura ficcional e evitar conclusões baseadas em elementos plausíveis, mas insuficientemente apoiados em registros históricos independentes e confiáveis⁴³. É inegável que os escritores antigos eram adeptos da invenção biográfica e da manipulação de fatos, e até mesmo o *Marmor Parium* não deve ser aceito sem reservas⁴⁴. Sob esse ponto de vista, referências ao exílio e à morte de Eurípidés na Macedônia devem ser colocadas sob o mesmo grau de suspeição que as anedotas inspiradas nas comédias de Aristófanes. Lefkowitz já havia expressado saudável ceticismo quanto à realidade histórica da ‘questão Macedônica’, com o apoio de Willink⁴⁵, e Hose reputara como simples ‘matéria de especulação’ as razões do exílio macedônico⁴⁶. Foi Scullion, porém, quem apresentou os mais consistentes argumentos contra a veracidade do exílio e morte de Eurípidés em terras longínquas: o silêncio de *As Rãs* ou, melhor dizendo, do escoliasta de *As Rãs*, e o silêncio do *Marmor Parium*⁴⁷.

Em *As Rãs* (*Ar. Ra.* 83-5), quando Dioniso conta a Hércules que Agaton o “abandonara” (estava morto), o escoliasta imediatamente explica que o poeta “juntou-se ao rei Arquelau, na Macedônia, com muitos outros” (*Sch. Ar. Ra.* 85.2-4 Hildesheim)⁴⁸. Em nenhuma passagem da comédia, porém, Aristófanes faz qualquer referência, alusão velada ou gracejo que merecesse do antigo comentador qualquer explicação ou menção à estada de Eurípidés na Macedônia⁴⁹, e não é concebível que um homem bem informado como Aristófanes ignorasse tal fato, se ele tivesse realmente ocorrido, e que deixasse passar qualquer oportunidade de envolver Eurípidés em um de seus chistes⁵⁰. Mesmo uma pequena menção,

bastante velada, certamente exigiria um comentário do escoliasta. Evidência de menor peso, porém igualmente significativa, é a falta de menção à Macedônia nos registros do *Marmor Parium*. Eis a notícia referente à morte de Eurípides (*FGrH* 239 A 63) e, para comparação, a de Ésquilo (*FGrH* 239 A 59)⁵¹

Desde que Eurípides, o poeta, tendo vivido 79 (?) anos, morreu, †144 anos, quando Antígenes era arconte em Atenas.

Desde que Ésquilo, o poeta, tendo vivido 69 anos, morreu em [Gel]a, Sicília, 193 anos, quando Cálías, o primeiro, era arconte em Atenas.

Evidentemente, se a morte de Eurípides tivesse realmente ocorrido longe de Atenas, o autor da inscrição teria mencionado o fato, assim como o fez na notícia referente a Ésquilo.

Diante de tais argumentos, é forçoso admitir que Eurípides nunca abandonou efetivamente sua pólis, onde veio a falecer, e que tanto *Bacantes* como a IA foram criadas em Atenas, em época difícil de determinar — mas, possivelmente, pouco antes de sua morte.

ABSTRACT

The lives (*Vitae*) of Euripides, transmitted by Antiquity through pseudo-biographies, constitute a heterogeneous mass of anecdotal data, extravagant stories, malicious gossips, high speculations and informations deduced from his own tragedies, and from aristophanic comedies. Verisimilar and trustworth informations, supported by independent sources, are very few. One of the more accepted biographical data, without conclusive evidence or critical analysis, is Euripides' exile near the end of his life in Macedonia, where he created and perhaps staged, for the first time, two important tragedies, *Bacchae* and *Iphigenia at Aulis*. In the present article, the Author discuss the available evidences on this 'macedonic question' as well the place and the composition date of these plays.

Key words. Euripides; life; biography; pseudo-biography; Greek tragedy; *Bacchae*; *Iphigenia at Aulis*.

NOTAS

¹ Lesky, 1990, p. 179.

² O texto foi inserido pelos copistas medievais na parte inicial de seis manuscritos: *Ambrosianus* L 39 suppl. (c. 1320), *Vaticanus* gr. 1345 (c. 1300), *Vindobonensis* 119 (c. 1300), *Hauniensis* 3549 (início do século XIV) e *Parisinus* S. *Genofevae* 3400 (olim 36, data não informada). Edições: Schwartz, 1887; Méridier, 1926; e Kovacs, 1994b.

³ Fonte: *Papyrus Oxyrhyncus* 1176, do século II. Edições: Arrighetti, 1964; Kovacs, 1994b.

⁴ Ver Jouan, 1994-1995; Kovacs, 1994a.

⁵ Méridier, 1926, p. i, nota 1; Jouan, 1994-1995, p. 34.

⁶ Na edição de Méridier (1926, p. 1-5), as três seções correspondem às linhas 1-49, 50-113 e 114-35, respectivamente; na edição de Kovacs (1994a, p. 3-11), correspondem aos parágrafos 1-19, 20-31 e 32-8.

⁷ Delcourt, 1933, p. 192; Jouan, 1994-1995, p. 36-7.

⁸ Méridier, 1926, p. ii; Jouan, 1994-1995, p. 35 e notas 10-13.

⁹ Para Eratóstenes, ver FGrH 241 F12. O biógrafo Hermipo de Esmirna (séc. III a.C.) é conhecido somente pela menção em *Vita* 27.

¹⁰ Lefkowitz, 1981, p. 92; Kovacs, 1994b, p. 1.

¹¹ Comentadores antigos (Filocoro, Sátiro) e eruditos bizantinos (Suda, Magister, Moschopoulos) aceitaram as informações da *Vita*, aparentemente, com pouco ou nenhum espírito crítico. Muitos autores modernos, por outro lado, discutiram a verossimilhança das informações em maior ou menor extensão: Weil (1879), Willamovitz (1907), Murray (1914), Delcourt (1933), Tovar (1955), Stevens (1956), Webster (1967b), Fairweather (1974), Medina González e López Férez (1977), Lefkowitz (1981), Lesky (1990), Kovacs (1994b), Jouan (1994-1995), Ippolito (1999) e Scullion (2003). Weil (1879, p. i) é exemplo de comentador sumamente crítico: ‘Si l’on retranche les anecdotes frivoles, les faits denués d’intérêt ou peu dignes de foi, il reste peu de chose’. Murray, Tovar e Webster, por sua vez, são muito mais complacentes, e Murray fez até mesmo um relato jornalístico da vida de Eurípides, baseado inteiramente nos dados tradicionais. Note-se ademais que muitos comentadores modernos, como Ippolito, incorreram no mesmo erro dos comentadores da Antigüidade, ao atribuir a Eurípides determinados traços de caráter com base em trechos de suas obras.

¹² Kovacs, 1994b, p. 3.

¹³ Lefkowitz, 1981, p. 92-3.

¹⁴ γεέσθαι δὲ αὐτὸν καὶ πυρφόρον τοῦ Ζωστηρίου Ἀπόλλωνος. O Cabo Zoster fica na costa sudoeste da Ática, na atual Vouliagmeni. Na época de Pausânias, lá havia altares dedicados a Atena, a Ártemis e a Letó (Paus. 1.31.1).

¹⁵ Μετέστη δὲ ἐν Μαγνησίαι καὶ προξενία ἐτιμήθη καὶ ἀτελείαι.

¹⁶ Kovacs, 1994b, *passim*.

¹⁷ Lefkowitz, 1981, p. 103-4; Scullion, 2003, *passim*.

¹⁸ Kovacs, 1994b, p. 4-6.

¹⁹ Ver os detalhes da discussão sobre as datas de nascimento de Eurípides gravadas no *Marmor Parium* no artigo de Scullion (2003).

²⁰ Φλυεῖς δῆμος τῆς Κεκροπίδος. ἐκ τούτου δὲ τοῦ δήμου ἦν Εὐριπίδης ὁ τῆς τραγωιδίας ποιητής (ver também Thphr. *Fr.* 119). Esse demo ficava ao norte de Atenas, no sopé do Monte Himeto.

²¹ Em Atenas, quando o encarregado de uma *liturgia* (pagamento das despesas de uma atividade de interesse público), considerava que outro cidadão mais rico do que ele deveria arcar com esse ‘imposto’, movia-lhe um processo de ἀντίδοσις. Ver Rehm, 1992, p. 21.

²² Scullion, 2003, p. 391.

²³ O dado não parece incorreto, a julgar pelo número de dramas atribuídos a ele pela tradição (ver Méridier, 1926, p. xi-xii).

²⁴ A maioria dos eruditos (v.g. England, 1891, p. xxxi-xxxii; Günther, 1988, p. 1; West, 1981, p. 77) situa a apresentação no ano 405 a.C. do calendário moderno.

²⁵ Acredita-se que o terceiro drama da trilogia de 405 a.C. era o *Alcméon em Corinto*. Sob o título ΑΛΚΜΕΩΝ temos os fragmentos *Fr.* 65-87 Nauck, *Fr.* 73a, 78a e 87a Snell, *Fr. P.* 150 Austin, *Fr. P.* 8 Page, distribuídos pelos títulos ΑΛΚΜΕΩΝ Α (*Alcméon* 1), ΑΛΚΜΕΩΝ Β (*Alcméon* 2) e ΑΛΚΜΕΩΝ ΔΙΑ ΚΟΡΙΝΘΟΥ (*Alcméon em Corinto*). Há também menções a um *Alcméon em Psófis*, parte da trilogia apresentada em 436 a.C. juntamente com *Cretenses*, *Télefo* e *Alceste*.

²⁶ O Quadro 1 resume o estado atual das evidências quanto à datação dos dramas completos; para os incompletos, ver Cropp e Fick, 1985, p. 76-7. Para uma breve discussão das ‘fases’ da produção trágica de Eurípides, ver Ribeiro Jr., 2006, p. 15-9.

²⁷ Vellacott (1975, p. 173 e 223), por exemplo, refere que *Bacantes* e *IA* foram escritas em 407 a.C., na Macedônia. Ver também, entre outros, Dodds, 1960, p. xxxix; Jouan, 1966, p. 274; Vellacott, 1975, p. 53; Lesky, 1995, p. 424. Kovacs (2002, p. 2 e 157), um dos mais recentes editores da obra euripídiana, também reconhece, embora implicitamente, a ‘versão macedônica’ da criação das duas tragédias. Há um resumo da cronologia euripídiana tradicional em Collard, 1981, p. 2.

²⁸ Scullion, 2003, p. 393-4; López Férez, 1988, p. 374-7.

²⁹ Grégoire, 1925, p. 211; Dodds, 1960, p. xxxix-xl; Goossens, 1962, p. 464.

³⁰ Kitto, 1990, p. 326.

³¹ Grégoire, 1925, p. 211; Dodds, 1960, p. xxxix.

³² Boeckh, 1808, p. xvii ss.

³³ Conacher, 1967, p. 264, nota 25.

³⁴ Ver discussão e bibliografia em Ribeiro Jr. (2006, p. 71-2).

³⁵ Kitto, 1990, p. 312.

³⁶ Galiano, 1967, p. 329.

³⁷ Rome sustenta que a palavra σεῖριος do v. 7 é uma referência à conjunção entre Marte e Júpiter, visível no céu de Atenas em julho de 409 a.C. como um astro de brilho

singular. Ver discussão nas notas de minha tradução da *Ifigênia em Áulis*, com vasta bibliografia sobre essa longa e complexa controvérsia (Ribeiro Jr., 2006, p. 269).

³⁸ Webster, 1967, p. 77.

³⁹ Delebecque, 1951, p. 366-75.

⁴⁰ Goossens, 1962, p. 673-83.

⁴¹ Pais de Almeida, 1998, p. 23.

⁴² A mais antiga referência à ida de Eurípidés para a Macedônia é, no entanto, a do poeta Hermisianax de Colofon (Hermesian. *Fr.* 7.61-8 Powell), datável de cerca de 330 a.C.

⁴³ Fairweather, 1974; Lefkowitz, 1981; Momigliano, 1993; Jouan, 1994-1995. O mesmo princípio se aplica a biografias de não-poetas, como a do médico Hipócrates de Cós (Ribeiro Jr., 2005b, p. 12).

⁴⁴ Scullion, 2003, p. 390.

⁴⁵ Lefkowitz, 1981, p. 103-4; Willink, 1986, p. xxv, nota 14.

⁴⁶ Hose, 1995, p. 144 e 146.

⁴⁷ Scullion, 2003, p. 392-400.

⁴⁸ Trecho do escólio: ἢ ὅτι Ἀρχελάωι τῶι βασιλεῖ μέχρι τῆς τελευτῆς μετὰ ἄλλων πολλῶν συνῆν ἐν Μακεδονίαι, καὶ μακάρων εὐωχίαν ἔφη τὴν ἐν τοῖς βασιλείοις διατριβῆν.

⁴⁹ Segundo Scullion (2003, p. 393), Aristófanes teve muitas oportunidades, v.g. 678-82, 730-3, 888-94, 952-3, 1155-9, 1301-3.

⁵⁰ Das onze comédias de Aristófanes que chegaram até nós, *Aves*, da Comédia Antiga, e *Mulheres na Assembléia* e *Pluto*, da Comédia Intermediária, são as únicas que não mencionam Eurípidés explicitamente.

⁵¹ 63. ἀφ' οὗ Εὐριπίδης βιώσας ἔτη οθ' (..) ἐτελεύτησεν, ἔτη ἑρμυδ' ἄρχοντος ἀθήνεσιν Ἀντιγένους.

59. ἀφ' οὗ Αἰσχύλος ὁ ποιντῆς, βιώσας ἔτη ξθ', ἐτελεύτησεν ἐγ [Γέλ]αι τῆς Σικελίας, ἔτη ργ', ἄρχοντος Ἀθήνεσι Καλλέου τοῦ προτέρου.

(note-se que os registros do *Marmor Parium* marcam o tempo decorrido desde o evento mencionado até 264-263 a.C., data provável da inscrição).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHETTI, G. Satiro, Vita di Euripide. In. *Studi Classici e Orientali*, Pisa, v. 13, 1964.

BOECKH, A. *Graecae Tragoediae Principum, Aeschyli, Sophoclis, Euripidis, num ea, quae supersunt, et geniuna omnia sint, et forma primitiva seruata, an eorum familiis aliquid debeat ex ii tribuit*. Heidelberg: Mohrii et Zimmeri, 1808.

- COLLARD, C. Euripides. *Greece and Rome New Surveys in the Classics*, Oxford, n. 14, 1981.
- CONACHER, D.J. *Euripidean Drama: Myth, Theme and Structure*. Toronto: University of Toronto Press, 1967.
- CROPP, M.; FICK, G. *Resolutions and Chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies*. London: Institute of Classical Studies (University of London), Bull. Suppl. n. 43, 1985.
- DELCOURT, M. Biographies anciennes d'Euripide. *Antiquités Classiques*, Namur, v. 2, p. 271-90, 1933.
- DODDS, E.R. *Euripides Bacchae*. Oxford: Clarendon Press, 2nd ed., 1960.
- ENGLAND, E.B. *The Iphigenia in Aulis of Euripides*. London: MacMillan, 1891.
- FAIRWEATHER, J. Fiction in the Biographies of Ancient Writers. In. *Ancient Society*, n. 5, p. 231-75, 1974.
- GALIANO, M.F. Estado actual de los problemas de cronología euripidea. In. *Estudios Clásicos*, Madrid, v. 11, n. 52, p. 321-54, 1967.
- GOOSSENS, R. *Euripide et Athènes*. Bruxelles: Palais des Académies, 1962.
- GRÉGOIRE, H. Iphigénie en Tauride. In: PARMENTIER, L.; _____. *Euripide*, v. 4. Paris: Les Belles Lettres, p. 81-170, 1925.
- GÜNTHER, H.C. *Euripides Iphigenia Aulidensis*. Leipzig: Teubner, 1988.
- HOSE, M. *Drama und Gesellschaft*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1995.
- IPPOLITO, P. *La vita di Euripide*. Nápoles: Dipartimento di Filologia Classica dell'Università degli Studi di Napoli Federico II, 1999.
- JOUAN, F. *Euripide et les Légendes des Chants Cypriens*. Paris: Les Belles Lettres, 1966.
- _____. Iphigénie à Aulis, v. 1-11. In. *Revue des Études Grecques*, Paris, v. 96, p. 49-63, 1983b.
- _____. *Les "vies" d'Euripide*. Archipel Égéen Nouvelle Série, Tours, n. 1, 33-45, 1994-1995.

- KITTO, H.D.F. *A tragédia grega*, v. 2. Trad. J.M. Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado, 1990.
- KOVACS, D. *Euripidea*. Leiden: E.J. Brill, 1994a.
- _____. *Euripides Bacchae, Iphigenia at Aulis, Rhesus*. Cambridge and London: Harvard University Press, 2002.
- _____. 'The Life of Euripides'. In: *Euripides. Cyclops, Alcestis, Medea*. Cambridge and London: Harvard University Press, 1994b.
- LEFKOWITZ, M.R. *The Lives of the Greek Poets*. London: Duckworth, 1981.
- LESKY, A. Eurípides. In: *A tragédia grega*. Trad. J. Guinsburg et alii. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., p. 159-228, 1990.
- _____. *História da Literatura Grega*. Trad. M. Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.
- LÓPEZ FÉREZ, J.A. 'Eurípides'. In: _____ (ed.), *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Catedra, p. 352-405, 1988.
- LOURENÇO, F. *Eurípides: Íon*. Lisboa: Colibri, 1994.
- MEDINA GONZÁLEZ, A. e LÓPEZ FÉREZ, J.A. Introducción General a Eurípides. In: *Eurípides. Tragedias*, v. 1. Madrid: Gredos, p. 7-97, 1977.
- MÉRIDIÉ, L. Vie et Généalogie d'Euripide. In: _____. *Euripide*, v.1. Paris: Les Belles Lettres, p. 1-5, 1926.
- MOMIGLIANO, A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MURRAY, G. *Euripides and his age*. London: Williams & Norgate, 1914.
- PAIS DE ALMEIDA, C.A. *Eurípides. Ifigénia em Áulide*. Notas e revisão de M.F. Silva. Lisboa: Calouste Gulbenkian e JNICT, 2ª ed., 1998.
- REHM, R. *Greek Tragic Theatre*. London and New York, Rutledge, 1992.
- RIBEIRO JR., W.A. 'Hipócrates de Cós e Tratados deontológicos'. In: CAIRUS, H.F. e _____. *Textos Hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p. 11-24 e 147-228, 2005b.

- _____. ‘*Iphigenia aulidensis*’ de Eurípides: introdução, tradução e notas. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- SCHWARTZ, E. ‘Vita’. In: _____ (ed.), *Scholia in Euripidem*. Berlin: Reimer, p. 1-6, 1887.
- SCULLION, S. Euripides and Macedon, or the silence of the *Frogs*. *Classical Quarterly*, Oxford, v. 53, n. 2, p. 389-400, 2003.
- SEAFORD, R.A.S. The tragic wedding. *Journal of Hellenic Studies*, v. 107, London, p. 106-30, 1987.
- STEVENS, P.T. Euripides and the Athenians. *Journal of Hellenic Studies*, v. 76, London, p. 87-94, 1956.
- TOVAR, A. *Euripides. Tragedias*, v. 1. Barcelona: Alma Mater, 1955.
- VELLACOTT, P. *Ironic Drama*. London: Cambridge University Press, 1975.
- WEBSTER, T.B.L. *The tragedies of Euripides*. London: Methuen, 1967b.
- WEIL, H. *Sept Tragédies d’Euripide*. Paris, Hachette, 2^e ed., 1879.
- WEST, M.L. *Tragica V*. Bulletin of the Institute of Classical Studies, n. 28, p. 61-78, London, 1981.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *Einleitung in die griechische Tragödie*. Berlin: Weidmann, p. 1-43, 1907.
- WILLINK, C.W. *Euripides. Orestes*. Oxford: Clarendon Press, 1986.